

António de Castro Caeiro. 11 novembro 2020 | Heidegger: perguntar pelo sentido do ser, perguntar pela verdade como descoberta do ser.

HEIDEGGER, Martin. (1983). *Grundprobleme der Metaphysik. Welt, Endlichkeit, Einsamkeit*. Frankfurt a. M.. Vittorio Klostermann.

CAEIRO, António de Castro. (2008). "O acesso a outrem como SI no seu AÍ" in *DIDASKALIA, Revista da Faculdade de Teologia*. Lisboa, xxxviii, fascículo 1, (227-256).

<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8660/1/V03801-227-256.pdf>

1.

“Novalis sagt einmal in einem Fragment: ‘Die Philosophie ist eigentlich Heimweh, ein Trieb überall zu Hause zu sein’”. (“Novalis diz uma vez num fragmento: ‘a filosofia é autenticamente nostalgia, uma pulsão para estar em todo o lado em casa’”) (Novalis, Schriften. Hg. J. Minor. Jena 1923. Bd.2, S. 179, Fragment 21. HEIDEGGER *GA29/30* (7))

Palavras chave: Disposição interpretação. Destruição da possibilidade de explicação pela destruição da relação causa-efeito, interior-exterior. A dificuldade da compreensão da metáfora. As diversas ordens disposicionais: agressiva de situação, ex post facto, totalizante.

2.

“Não é importante desenvolver essas perguntas teoricamente e produzir uma disposição (Stimmung) para elas e ao lado delas, mas inversamente, temos antes de tudo fazer que essas questões surjam de uma disposição fundamental (Grundstimmung) na sua necessidade e possibilidade e tentar preservar a sua independência e indubitabilidade. Então, na verdade, executamos (vollziehen) autenticamente esse questionamento quando nos propomos a despertar (wecken) uma disposição fundamental do nosso filosofar.” *GA 29/30* (87)

Obs.: Determinação do conceito de disposição. Atmosfera, clima, ambiente, cadência, vibração. Estado de espírito. Situação, circunstância, conjuntura. Acesso imediato ao modo como cada um de nós desde sempre já se encontra consigo, na vida, no mundo, com outros. Encontrar-se não requer ir ao encontro de, porque desde sempre já estamos encontrados. Achar-se não significa que se está à procura de si, porque nunca saímos de nós. E, por outro lado, podemos encontrar-nos bem ou mal, atravessar um bom momento ou passar por mau momento. Podemos também encontrar-nos e achar-nos sem nos reconhecermos na nossa identidade ou iguais a nós mesmos,

dentro do padrão ou fora do padrão. O importante é perceber que desde sempre sentimos como é connosco, como nos sentimos. Perguntamos a alguém o que já sabemos se passa connosco: como se sente? Como te sentes? Este sentir-se não é um mergulho no estado emocional apenas, interior, e por vezes não conhecemos as causas para nos sentirmos como nos sentimos. Testemunhamos esse facto, inseridos num sítio, local, em nós com outros ou sem outros. A pergunta como temos passado permite-nos perceber que a vida é uma passagem, no tempo, portanto, e que compreendemos como é connosco, saber de si, sentir-se a si, está já aberto, resolvido, manifesto para nós. Por isso nos podemos perder de nós, não saber o que sentimos, não nos encontrarmos bem nem nos reconhecermos.

Dificuldade de reconhecer imediatamente a presença da disposição, o seu estar presente. A disposição pode estar ausente ou presente e não reconhecida. A casca da realidade, a pele no corpo da existência. Podemos lembrar-nos de como era uma época das nossas vidas. Até a disposição do verão passado. A diferença entre o verão passado e o verão de há dois anos, com equações vitais diferentes e parâmetros alterados: todos estavam vivos e agora não, não havia pandemia e agora há. Podemos seguir as diferenças, apurar semelhanças e dissemelhanças, mas é a fragrância dos tempos que podemos cheirar, o ritmo, o modo de viver, a maneira de estar. Podemos ouvir uma melodia na rádio e ser transportado para essas paragens e paisagens “datadas” no tempo. Ao viver agora está um clima a constituir a nossa existência mas estamos tão colados a ele que não conseguimos detectá-lo. Perfila-se quando tiver acabado e pudermos ver a pele separada da realidade. À superfície podemos identificar o que se passa, nos jornais, no nosso diário, na nossa agenda. Mas a atmosfera da época, o *Zeitgeist* não é tão facilmente identificado por nenhuma outra razão a não ser porque estamos dentro dele e não temos o distanciamento para o perceber no seu isolamento. A vida de uma pessoa e contar com a vida dessa pessoa. O desaparecimento dessa pessoa e compreender que essa pessoa desapareceu. Dizemos isto em termos de conforto e desconforto, familiaridade e estranheza, sentimo-nos em casa e fora de casa. O que nos faz ter nostalgia de casa? Ou nostalgia do possível? A obliteração e o cancelamento ou esgotamento de possibilidades, quando podia ser e havia tempo, no princípio. Agora, sem tanto tempo e sem possibilidade, perda de oportunidades, cancelamento, chegada ao fim. A compreensão da possibilidade, do modo como preenchemos o tempo, as expectativas, o contentamento por estar vivo, a alegria, a euforia, o regozijo, a perda da alegria, a tristeza, ou o stress, a angústia, a sensação de que tudo está contra, a adversidade.

Cada acontecimento da nossa vida tem uma disposição. Há acontecimentos “chatos”, “aborrecidos”, “difíceis”. Tudo o que está na nossa agenda, horário, calendário, virtual e real. Uma semana é boa ou má, um ano é bom ou mau, uma década é boa ou má, sem nos lembrarmos

dos acontecimentos isoladamente. Temos a aura, o halo, a vibração da cadência. A vida toda é essa cadência a muitas vozes com diversas melodias, ritmos, cadências, consonantes e dissonantes, silêncios, ruídos, etc.. Como foi a nossa vida com outros no mundo e conosco? Temos expectativas sem saber que temos expectativas. Queremos esgotar as possibilidades, ter opções, poder escolher. Mas temos também campos de possibilidade que podem não estar abertos e outros fecham-se. Acabamos, desistimos, deixamo-nos de, rompemos, afastamo-nos. Por outro lado, insistimos em possibilidades que podemos perceber não vão levar ou não estão a levar a lado nenhum. Dependem de nós ou não dependem de nós, o mundo não existe sob o nosso comando nem determinado pela nossa vontade, nenhum dos outros.

3.

“Das Da-sein und Nicht-Da-sein der Stimmung nicht faßbar , durch 'die Unterscheidung von Bewußthaben und Unbewußtsein (ser e não ser aí da disposição não compreensível através da distinção entre consciente e inconsciente)” (91)

4.

“>Was schläft<, das ist in eigentümlicher Weise abwesend und doch da. Wenn wir eine Stimmung wecken, dann sagt das, daß sie schon da ist. Es drückt zugleich aus, daß sie in gewisser Weise nicht da ist. Merkwürdig, die Stimmung ist etwas, was da und zugleich nicht da ist. (O que dorme é de um modo peculiar presente e, ainda assim, não aí. Se acordarmos uma disposição, então diz-se que ela já lá estava. Exprime-se ao mesmo tempo que de certa maneira não está lá. É espantoso que a disposição é algo que existe e não existe simultaneamente aí.)” (91)

Obs.:

O ser o aí e não ser o aí: estar aí, lá, ali, aqui, cá. Não estar cá, estar longe (não é espacial nem temporal: memória, no tempo). Diferença entre consciente e inconsciente não dá conta do estar cá e não estar cá. “X não está cá”. “Estava longe”, “cair em si”, “acordar para a vida”.

Várias traduções para o “ist”: está, é, existe.

4.

“Eine Stimmung wecken, das sagt doch, sie wachwerden lassen und als solche gerade sein lassen. (Acordar uma disposição quer dizer despertá-la e fazer que ela exista)”. (92)

Obs.:

Ausência e presença, estar “fora” e estar “dentro”. De-mente e com presença de espírito. Estar longe e estar lá com alguém. Reforço: “eu estou aqui contigo”. Quando somos chamados à atenção, dizemos: “estava tão longe”. “Distracção” de um sítio, mas concentração noutra sítio, noutra tempo, noutra realidade. Mas a realidade contemporânea é “vivida” autentica ou inautenticamente.

5.

“Stimmungen sind nicht etwas, das nur vorhanden ist, sondern sie selbst sind gerade eine Grundart und Grundweise des Seins, und zwar des Da-seins, und darin liegt unmittelbar immer: des Miteinanderseins. Sie sind Weisen des Da-seins und damit solche des Weg-seins. Eine Stimmung ist eine Weise, nicht bloß eine Form oder ein Modus, sondern eine Weise im Sinne einer Melodie, die nicht über dem sogenannten eigentlichen Vorhandensein -des Menschen schwebt, sondern für dieses Sein den Ton angibt, d. h. die Art und das Wie seines Seins stimmt und bestimmt. (Disposições não são nada que apenas exista na realidade, mas elas mesmo são tipos fundamentais e modos fundamentais do ser, e na verdade do ser-o-aí, e nisso resido sempre imediatamente: do ser com outro. São modos do ser presente aí e com isso também do ser ausente. Uma disposição é um modo, não uma mera forma ou uma maneira, mas um modo no sentido de uma melodia que não paira sobre a chamada realidade do ser humano mas que dá o tom para o seu ser, isto é, tonaliza e determina a espécie e o *como* do seu ser.)” (100-101)

6.

“So haben wir das Positive zur ersten negativen These, daß die Stimmung kein Seiendes ist: Sie ist positiv eine Grundart, die' Grundweise, wie das Dasein als Dasein ist. Wir haben jetzt auch schon die Gegenthese zur zweiten negativen These, daß die Stimmung nicht das Unbeständige, Flüchtige, bloß Subjektive ist: Weil die Stimmung das ursprüngliche Wie ist, in dem jedes Dasein ist, wie es ist, ist sie nicht das Unbeständigste, sondern das, was dem Dasein von Grund auf Bestand und Möglichkeit gibt. (Assim temos a tese positiva para a primeira tese negativa, que a disposição não são entes: a disposição é uma espécie fundamental, o modo fundamental, como o Dasein enquanto Dasein existe/ é. Temos agora também já a contra tese para a segunda tese negativa: a disposição não é inconsistente, fugaz, meramente subjectiva, porque a disposição é o

como/ modo de ser originário no qual todo o Dasein é como ele é e não é o que há de mais inconsistente, mas aquilo que no fundo do seu ser dá consistência e possibilidade ao Dasein.)” (101)

7.

“Stimmungen sind die Grundweisen, in denen wir uns so und so befinden. Stimmungen sind das Wie, gemäß dem einem so und so ist. Dieses >es ist einem so und so< nehmen wir freilich - aus Gründen, die jetzt nicht zu erörtern sind - oft als etwas Gleichgültiges gegenüber dem, was wir vorhaben, gegenüber dem, womit wir beschäftigt sind, was mit uns wird. (Disposições são os modos de ser fundamentais nos quais cada um de nós e todos nos encontramos. As disposições são o como, de acordo com o qual cada um de nós é desta e daqueloutra maneira. Tomamos esta expressão: “cada um é à sua maneira” por motivos que agora não podemos discutir como o que há de mais indiferente relativamente ao que nos propomos, relativamente àquilo com o qual nos ocupamos, o que vai ser de nós.)” (101)

8.

“Und gerade die Stimmungen, die wir gar nicht beachten und noch weniger beobachten, jene Stimmungen, die uns so stimmen, daß es uns ist, als sei überhaupt keine Stimmung da, als seien wir überhaupt nicht gestimmt, diese Stimmungen sind die mächtigsten. (Precisamente estas disposições que não notamos e muito menos observamos, aquelas disposições que nos dispõem tal como se não houvesse aí nenhuma disposição, como se nós não estivéssemos dispostos de maneira nenhuma, estas disposições são as mais poderosas que há.)” (101-102)

9.

“Zunächst und zumeist treffen uns nur besondere Stimmungen, die nach >Extremen< ausschlagen: Freude, Trauer. Schon weniger merklich sind eine leise Bangigkeit oder eine hingleitende Zufriedenheit. Scheinbar überhaupt nicht da und doch da ist aber gerade jene Ungestimmtheit, in der wir weder mißgestimmt noch >gut< gestimmt sind. Aber in diesem >wedernoch< sind wir gleichwohl nie nicht gestimmt. Warum wir aber die Ungestimmtheit für ein Überhaupt-nicht-gestimmtsein halten, hat Gründe, die ganz wesentlicher Art sind. (Primariamente e o mais das vezes, apenas nos atingem disposições especiais que se alteram para "extremos": alegria, tristeza. Já menos perceptíveis são uma leve ansiedade ou um contentamento deslizando. Aparentemente não existente e, contudo, presente é aquela

indisposição, na qual não estamos mal dispostos nem bem dispostos. Mas neste "nem...nem" nunca estamos sem disposição. Mas o motivo pelo qual consideramos a indisposição como a ausência em geral do nosso ser dispostos tem motivos que são de um tipo muito essencial.)” (102)

10.

“Stimmungen tauchen nicht immer im leeren Raum der Seele auf und verschwinden wieder, sondern das Dasein als Dasein ist immer schon von Grund aus gestimmt. Es geschieht nur immer ein Wandel der Stimmungen. (As disposições não emergem no espaço vazio da alma e para depois desaparecerem de novo, mas o Dasein como Dasein está continuamente e sempre fundamentalmente disposto. Dá-se sempre apenas uma mudança de disposições)”.

11.

“Wie entgehen wir der Langeweile, in der uns, wie wir selbst sagen, die Zeit lang wird? Einfach so, daß wir jederzeit, ob bewußt oder unbewußt, bemüht sind, uns die Zeit zu vertreiben, daß wir wichtigste und wesentlichste Beschäftigungen begrüßen, schon allein, damit sie uns die Zeit ausfüllen. Wer will das leugnen? Bedarf es dann aber erst noch der Feststellung, daß diese Langeweile da ist? (Como escapamos ao tédio no qual como nós dizemos o tempo se alonga? Simplesmente com o facto de estarmos sempre, conscientes ou inconscientes ocupados em fazer passar o tempo, de tal modo que acolhemos as ocupações mais importantes e essenciais para que com elas preenchemos o tempo. Quem o quer negar? É requerido ainda o apuramento de que o tédio está aí?)” (118)

12.

“Was heißt das aber: wir vertreiben und verscheuchen die Langeweile? Wir bringen sie ständig zum Einschlafen. Denn offenbar können wir sie durch noch so großen Zeitvertreib nicht vernichten. Wir >wissen< - in einem merkwürdigen Wissen -, daß sie doch jederzeit wiederkommen kann. Also ist sie schon da. Wir verscheuchen sie. Wir bringen sie zum Einschlafen. Wir wollen von ihr nichts wissen. Das heißt ja gar nicht: wir wollen kein Bewußtsein von ihr haben, sondern es heißt: wir wollen sie nicht wach sein lassen - sie, die am Ende doch schon wach ist und mit offenem Auge - wenn auch ganz aus der Feme - in unser Dasein hereinblickt und mit diesem Blick uns schon durchdringt und durchstimmt. (Mas o que significa: passamos o tempo e dissipamos o tédio? Nós queremos continuamente adormecê-lo.

Porque, evidentemente, não podemos destruí-lo nem mesmo com os melhores passatempos. Nós "sabemos" - um saber estranhíssimo - que o tédio pode voltar a qualquer momento. Portanto, o tédio já está aí. Nós dissipamos o tédio. Adormecemos-lo. Não queremos saber nada dele. Isso não quer dizer de forma alguma: que não queremos ter consciência dele, mas quer dizer: não queremos deixá-lo acordado - o tédio afinal já está acordado e com os olhos bem abertos - embora a uma grande distância - e olha na direção do nosso ser e com esse olhar já está a atravessar-nos e dispor-nos completamente.)" (118)

13.

"Aber wenn sie schon wach ist, dann braucht sie doch auch nicht geweckt zu werden. In der Tat nicht. Das Wecken dieser Grundstimmung heißt nicht, sie erst wachmachen, sondern wachsein lassen, vor dem Einschlafen behüten. Wir entnehmen hieraus leicht: Die Aufgabe ist nicht leichter geworden. Vielleicht ist diese Aufgabe wesentlich schwieriger, ähnlich wie wir jederzeit erfahren, daß es leichter ist, jemanden durch einen Schock aufzuwecken, als ihn vor dem Einschlafen zu behüten. Doch ob sie schwer oder leicht ist, das ist hier unwesentlich. (Mas se já está desperto, não há necessidade de o acordar. De facto, não é preciso. Despertar essa disposição fundamental não significa primeiro acordá-la, mas deixá-la acordada, evitando que caia no sono. Daqui podemos ver facilmente que a tarefa não se tornou mais fácil. Talvez antes esta tarefa se tenha tornado ainda mais difícil, assim como sabemos que é sempre mais fácil acordar alguém com uma abanão do que impedir que adormeça. Mas se é difícil ou fácil é irrelevante aqui.)" (118)

14.

"Die Langeweile nicht einschlafen zu lassen - das ist eine merkwürdige oder fast irrsinnige Zumutung. (Não deixar adormecer o tédio - não é uma exigência espantosa ou quase disparatada?)" (119)

O tédio como o que para e mantém parado e o que deixa e faz esvaziar. Hinhaltende und Leerlassende. (123)

Desconstrução da relação causa e efeito, da localização interior e exterior, da metáfora.

Ser entediado por... (Sich gelangweiltwerden von...)

Entediar-se em... (Sich langweilen bei...)

É um tédio (Es ist eine Langeweile)

A filosofia é um impulse, uma nostalgia de estar em casa em todo o lado, quando não se está em casa em lado nenhum, em tempo nenhum.

